

A GENTE NÃO QUER SÓ COMIDA

Projeto Ocupar: mulheres, terra e luta

WE DON'T WANT FOOD ALONE
Project Ocupar: Woman, land and struggle

**Silvana Ribeiro¹, Mariele Malaquias²,
Carolina dos Reis³ e Edivânia Rodrigues da Silva⁴**

Resumo

Escrever sobre o que nos ocupa, este é o objetivo deste texto, que retrata experiências vivenciadas no Projeto Ocupar: mulheres, terra e luta, coletivo que vem sendo construído desde 2022, com mulheres moradoras de ocupações urbanas da cidade de Passo Fundo/RS. Esta escrita analisa ocupações junto ao movimento de mulheres nesta cidade, sendo uma das principais: Da identidade. Para tanto, expressamos como foi sendo produzida ao longo deste projeto, idealizado de forma coletiva, a partir da reflexão acerca do que nos constitui como grupo e que fundamenta a ética de nossos modos de ação política. Este artigo é embalado pela canção “Comida”, na voz de Elza Soares e Titãs, problematizando que o direito à moradia representa mais do que uma luta por condições básicas de existência, trata-se de uma disputa entre distintas éticas do viver juntos: mais do que comida, desejamos também diversão e arte.

Palavras-chave: ocupações urbanas, ocupar, identidade visual.

Abstract

Writing about what occupies us. This is the objective of this text, which portrays the experiences of the Project Ocupar: women, land and struggle - a collective that has been built since 2022 with women living in urban squats in the city of Passo Fundo/RS - This article analyzes Squatting alongside the women's movement in this city, been one of the main ones: About Identity. Therefore, we express how it was produced throughout this project, designed collectively, based on reflection on what constitutes us as a group and what underpins the ethics of our modes of political action. This article is accompanied by the song “Comida”, in the voice of Elza Soares and Titãs, argues that the right to housing represents more than a fight for basic conditions of existence,

1 Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social (UFRGS/ 2023). Mestra em Ciências Humanas pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFFS/ 2022); Mestra em Educação (UPF/ 2022); Assistente Social (UPF/2019); Psicóloga (Atitus Educação/2023). Professora no curso de Psicologia da Atitus Educação. Integrante da coordenação do Projeto Ocupar: mulheres, terra e luta e da coordenação da Ocupação Valinhos II.

2 Psicóloga (UPF/2022). Mestranda em Ciências Humanas pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFFS/ 2023); Integrante da coordenação do Projeto Ocupar: mulheres, terra e luta e da coordenação da Ocupação Valinhos II.

3 Mestra e Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional (UFRGS com bolsa CAPES/FAPERGS) (2012/2017). Professora Adjunta no Departamento de Psicologia Social e Institucional e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenadora do Grupo OCUPAS: cidade, resistência e Subjetividade. Co-coordenadora do Núcleo de Estudos em Políticas e Tecnologias Contemporâneas de Subjetivação (Núcleo E-politcs).

4 Educadora Popular; Especialista em Gestão da Educação: Supervisão, Orientação e Administração Escolar (PUCRS/ 2013). Pedagoga (UPF/ . Atua como professora no Município de Pontão-RS. Integrante do conselho Municipal de Direito das mulheres de Passo Fundo. Socia da Comissão de direitos humanos de Passo Fundo. Integrante da associação Cultural de Mulheres Negras (ACMUN); Representante Estadual do Movimento de Luta pela Moradia; coordenadora da Ocupação Valinhos II e da coordenação do Projeto: Ocupar: mulheres, terra e luta.

it is a dispute between different ethics of living together: more More than food, we also want fun and art.

Keywords: urban occupations, squatting, visual identity.

Sobre uma escrita ocupada

“A gente não quer só comer.
A gente quer prazer pra aliviar a dor”
(ANTUNES; FROMER; BRITO, 1987)

Julián Fuks (2019) na obra *A Ocupação*, escreveu com propriedade ao destacar que seu desejo é deixar que seus ocupantes lhe conduzam para fora de seus domínios:

Só o que faço é deixar que me ocupem, que ocupem a minha escrita: uma literatura ocupada é o que posso fazer neste momento [...] meus ocupantes me conduzem para fora dos meus domínios, e eu já não sei bem por onde vou (FUKS, 2019, p. 107).

Neste artigo desejamos o mesmo, expressar em palavras o que nos ocupa neste momento, que é o Projeto: *Ocupar: Mulheres, terra e luta*. Uma proposta que congrega mais de 50 mulheres moradoras de cinco ocupações urbanas de Passo Fundo (Ocupação Valinhos II; Ocupação Leão XIII; Ocupação Bela Vista; Ocupação Valinhos I e Ocupação Vista Alegre). O município é composto por um território que contempla em torno de 100 ocupações urbanas e mais de 14 mil pessoas residentes neste espaço (BORGES, 2023).

Uma das moradoras de uma destas ocupações urbanas que integra o projeto Ocupar, relata que: “Desejamos estudar, compreender o que é uma ocupação e o que é uma invasão. Queremos falar com o prefeito e o secretário de habitação e saber falar, sem precisar de outras pessoas junto”. Desta narrativa nasceu este projeto de formação, que é realizado mensalmente no território da Ocupação Valinhos II em Passo Fundo/RS. Este projeto vem nos conduzindo para fora de nossos domínios, e como destacou Julián Fuks (2019) não sabemos bem para onde vamos, o que temos certeza é de que é uma proposta coletiva de visibilização das mulheres que residem nas ocupações urbanas.

Este artigo descreve este processo. Nos apoiamos na arte, em imagens construídas coletivamente, nas músicas, na literatura e na memória de experiências que serão narradas ao longo deste texto. Estas apresentam as principais referências desta escrita, que não são palavras de autores renomados, mas autoras de uma vida cotidiana que acontece dentro das ocupações urbanas de Passo Fundo e que, na maioria das vezes, fica esquecida e isolada das publicações acadêmicas, distantes das universidades e dos centros urbanos. Neste texto, mais do que apresentar um problema de pesquisa, compartilhamos vivências de uma relação cotidiana no Projeto Ocupar.

Estas mulheres que integram o Ocupar são moradoras das ocupações urbanas de Passo Fundo: Valinhos II; Bela Vista; Zachia; Leão XIII e Vista Alegre. O que existe de semelhante entre as mesmas? Muitas são as pesquisas acadêmicas que expõem as problemáticas e desafios da vida dos sujeitos habitantes das periferias e ocupações do Brasil. Porém, para além do não acesso aos direitos humanos e às políticas públicas é preciso tocar em um ponto que não se observa constantemente: o que vêem os moradores destes locais para além das dificuldades? Por isso, a canção “Comida”, na voz do Titãs e da Elza Soares, percorre este texto que traz como principal questão: O Projeto Ocupar: mulheres, terra e luta tem fome de quê? Compreendendo aqui a

perspectiva da comida para além do sustento físico, mas de um sustento subjetivo e social. Do que se alimentam as integrantes deste projeto? O que faz com que mensalmente estas mulheres se encontrem nos espaços coletivos das ocupações urbanas? Mais do que responder estas questões, traremos apontamentos para estas perguntas desde uma perspectiva de uma relação cotidiana com mulheres representantes de ocupações urbanas da cidade de Passo Fundo/RS.

A gente não quer só comida:

“Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?”
(ANTUNES; FROMER; BRITO, 1987)

Escrever sobre o que nos ocupa neste momento significa falar sobre o Projeto Ocupar: mulheres, terra e luta, pressupõe uma escrita experiencial onde precisamos sair de nossos domínios, abandonar certezas e assumir o compromisso coletivo com o direito à moradia. Assim, a canção apresentada acima, dialoga com as necessidades que se visualizam nas ocupações e nos espaços isolados dos centros da cidade. Relacionado a isso, Ermínia Maricato (1996), destaca que a exclusão espacial e ambiental reverbera fortemente na exclusão social, com imensas regiões de pobreza homogêneas disseminadas pelas cidades, onde o que se observa é a desigualdade econômica dos trabalhadores diante da concentração de riquezas por parte das elites. A partir da mercantilização da terra e o alto valor para se habitar os centros.

É necessário destacar, ainda, a dificuldade de acesso à infraestrutura, equipamentos e serviços urbanos. Pelo fato de que o Estado, por vezes, está mais preocupado em financiar o capital privado, além de investimentos de segunda ordem nos centros urbanos do que em infraestrutura nas periferias, expressando: “Uma política de fachada para uma prática de faz-de-conta em uma cidade de ficção.” (MARICATO, p. 68, 1996). Nesta frase a autora resume como são feitas as políticas urbanas e conseqüentemente o descaso estatal para com os moradores de periferias e ocupações, privando-os de infraestrutura mínima à sobrevivência, sem acesso ao lazer, à saúde, à educação e ao direito à cidade. (LEFEBVRE, 2001).

Outro autor que trata do tema, Henri Lefebvre (2001) que cunhou o termo Direito à cidade, defende que a cidade precisa ser construída a partir da visão daqueles que se veem excluídos dela. Através também, da dimensão artística, das obras de arte, via musicalidade ou via pintura e escultura. O Direito à cidade, destaca o autor, também passa pela semiologia e assim como, os direitos fundamentais (saúde, educação, etc), precisa ser visto como necessário à organização da vida. Assim, possuir Direito a cidade é ter acesso ao teatro, às praças públicas, ao encontro, a música e etc. Bem como, o alimento, a diversão, a arte e o encontro são necessários a vida.

Tendo em vista isto, o Projeto Ocupar concentra a perspectiva do encontro, da arte e do cuidado. O cuidado visa a escuta e a expressão que considera as especificidades e subjetividades presentes nas periferias urbanas onde “se dá com e não para os outros.” (MIRANDA: FÉLIX-SILVA, 2022). Assim como, ocorre na construção dos encontros formativos, que são organizados de forma coletiva com as mulheres integrantes do grupo.

Percebemos que diversas pesquisas importantes destacam aspectos das ocupações urbanas pelo olhar da falta, da necessidade e da fome. O que é de grande valia para reflexão sobre o direito à moradia e a cidade. Porém, cabe salientar o que vem sendo percebido através do Projeto Ocupar: mulheres, terra e luta, que é o desejo



das moradoras das ocupações de que sejam visibilizadas outras narrativas acerca do morar em ocupações urbanas. “Nós não somos um bando de vagabundos, somos trabalhadores. Saímos de casa às quatro da manhã para trabalhar, queremos ser vistos assim”. Esta fala de uma das integrantes do Ocupar aponta para a possibilidade de ver as ocupações urbanas através da identidade que é produzida pelos moradores deste território, que não diz respeito somente à comida, mas algo que passa pela representação, a identidade de trabalhador, como alguém que deseja acessar à cidade, o lazer e a arte.

Importante destacar que ao falarmos em identidade não nos referimos a ideia de uma identidade fixa e essencialista. Não se trata de pensar a identidade como algo que silencia as diferenças constituintes desse grupo de mulheres, em nome da produção de um mesmo que as unifique e estagne as possibilidades de transformação e invenção de distintos modos de se fazer coletivo. Entendemos a construção da identidade do projeto como ferramenta de discussão e afirmação de uma ética e de uma estética do viver juntos. Ética no sentido desenvolvido por Michel Foucault (1990) como um exercício constante de reflexão sobre nossas práticas e sobre os efeitos que buscamos produzir por meio delas no mundo. Estética, como proposto por esse mesmo autor, como possibilidade de construção e de constante reinvenção dos modos de nos constituirmos sujeitos, para além daqueles que estão instituídos. Inspiradas por esse movimento estético, descrito por Michel Foucault (2009), que nos convida a viver a vida como uma obra de arte, pensamos o processo de construção identitária desse grupo como um exercício de experimentação de outras formas de ser mulher, militante, mãe, amiga, trabalhadora e cidadã.

A gente quer comida, diversão e arte: Construção da representação visual do Ocupar

Neste artigo, pensamos o tema da identidade, desde as ocupações urbanas, através da construção da Logo do Projeto. Sobre isto, o coletivo, destacou o desejo: “Antes que colonizem nossas vivências e nossas lutas, nós queremos criar uma identidade para esse grupo, queremos colocar nas redes sociais o que fazemos, queremos visibilidade. Neste ano vamos investir na divulgação, em tornar nossas vidas, nosso grupo e nossos sonhos visíveis, para que ninguém venha se apropriar disso.” Esta foi a fala de uma das coordenadoras do Projeto Ocupar, ao comentar o que sonhava para ampliação do projeto.

Sabendo a importância deste pedido, e entendendo que “As imagens corporificam concepções culturais coletivas” (NEIVA, p. 14, 1993). Decidimos escutar os desejos dessas mulheres acerca da figura que seria criada. A partir da escuta sobre o desenho que iria simbolizar o Projeto de formação coletivo de mulheres. Assim, uma das integrantes do projeto que é artista, fez algumas anotações de elementos suscitados, em conjunto com os comentários que explicam as referências:

“Mulheres segurando uma enxada, é um símbolo da nossa luta pela terra!”;

“Um broto ou uma mulher grávida, algo que simboliza o nascimento e também, eu acho que uns livros para simbolizar a formação, né?!”;

“As mulheres têm que ter cores variadas representando as pretas e as brancas”;

Cor principal: “vermelho” (unânime).

Outras sugestões, surgiram mais tarde, como por exemplo o símbolo da casa, representando a identidade da ocupação e o direito à moradia. Tentamos manter os elementos mais importantes e simbólicos para o grupo, a partir disso, nasce a imagem que representa o coletivo. O mapa em vermelho da América Latina invertida, foi inspirado na obra de Joaquim Torres Garcias numa tentativa de representação de um movimento decolonial. Processo esse que tem sido vivenciado a partir do projeto, pelas mulheres que lutam contra o sistema que marginaliza a classe trabalhadora e invisibiliza corpos negros e pobres.

Outro item, a silhueta do rosto da trabalhadora, diz respeito a uma mulher negra com um turbante, inspirada em Carolina Maria de Jesus, uma das mais importantes escritoras brasileiras. A mesma já tinha sido citada algumas vezes nos momentos de formação enquanto símbolo de resistência periférica. O broto foi parar na cabeça dessa mulher, como uma semente do conhecimento que germina a partir das vivências e da aprendizagem via oralidade, pois nem todas sabem ler. O livro não encaixou enquanto maneira de retratar esse conhecimento, pois compreende-se que o processo formativo vai além do que se conhece na academia. Ele pode ser verbal, pode ser afetivo, pode germinar de diferentes formas e aproveitando esse símbolo colocamos a letra O inicial da palavra Ocupar.

A simbologia da enxada permaneceu, porque expressa a mulher trabalhadora, que mexe na terra e luta pelo seu espaço, é uma ferramenta que representa essa luta. Desde esses elementos cria-se a identidade visual, construída a partir delas e para elas: as mulheres das ocupações, que lutam pelo direito à moradia e por uma vida digna.

Cabe salientar que é necessário criar novos “modos de ver, olhar e compartilhar” (KOHATSU, p. 29, 2017). A palavra compartilhar é uma das que orienta nossa escrita e

esta identidade visual pois existe uma necessidade de superação do olhar colonizador, apesar de ser desafiador trabalhar com imagens. Torna-se essencial partilhar, produzir diálogo a partir de relações subjetivas vividas coletivamente.

Há, desse modo, que se destacar um pouco do mundo das imagens daquilo oferece aos olhos a resistência e também a beleza, quebrando de alguma forma, a dureza dos dias. Pois assim como o contexto social, o mundo das imagens também é algo que nos cerca e nos constitui, enquanto tal, precisa ser observado nas suas diferentes dinâmicas. Eduardo Neiva (1993), acentua que as imagens são parte da nossa identidade, “a imagem é determinada pela posição presente no olhar”. O autor revela que o olhar do espectador é o que dá sentido à representação que a imagem vai ter, ou seja, é possível dizer que as imagens possuem diferentes dimensões, materiais, temporais e até subjetivas. Eduardo Neiva (1993), também ressalta que as imagens são construídas a partir de uma totalidade cultural coletiva que se configura por si só num documento histórico que produz uma dinâmica social com o tempo e sujeito que a recebe. Cada imagem é mais do que uma configuração sínica, expressa enquanto qualidades materiais. As imagens estruturam historicamente formas e esboço de comportamentos. Da imagem a ação, os vários níveis possíveis da experiência cultural são articulados (NEIVA, p.14, 1993).

Dessa forma, as imagens carregam diferentes significados, perpassando aspectos subjetivos e culturais presentes na figura daquele que a recebe. Tornando-se necessário, deste modo, se atentar para as diferentes subjetividades como forma de compreender a associação que ocorre entre a imagem e sua representação psíquica e social para aquele sujeito.

Desejo, necessidade, vontade

Trazer para este texto a partilha sobre a construção da imagem da representação visual do projeto Ocupar parte do objetivo de pensar que é preciso olhar a cidade através do olhar das moradoras das ocupações urbanas, público que, historicamente vem sendo excluído da possibilidade de reflexão sobre que cidade sonhamos ou que identidade desejamos para os grupos que participamos.

Assim, para este artigo, propomos o questionamento: O projeto Ocupar: mulheres, terra e luta tem fome de quê? Nosso intuito não foi responder esta pergunta, mas por meio do compartilhamento de como foi construída a identidade visual deste coletivo, dizer como foi demarcada a ocupação deste projeto em outros espaços, a partir de sua representação visual. Desse modo, construir uma imagem identitária própria do movimento abre possibilidades de ocupação também da cidade.

Dessa maneira, a partir das divulgações realizadas sobre os encontros do Projeto Ocupar, por meio das redes sociais e grupos de whatsapp, o coletivo vem recebendo convites para participações em outros espaços da cidade, na Universidade através de aulas para a educação superior, projetos de extensão universitários, rodas de conversa com escolas, dentre outros. Em um destes momentos, ao retornar para casa, Josué (que tem doze anos), perguntou para sua mãe se poderia sentar atrás da mesa (referindo ao espaço ocupado por advogados e autoridades que estavam realizando uma fala em um evento no curso de Direito). Sua mãe é integrante da coordenação do Projeto Ocupar e tinha ido nesse evento a convite do coletivo. Por meio dessa narrativa podemos observar a abertura e ocupação de novos lugares dentro da cidade, que permite as moradoras da ocupação se verem refletindo sobre o urbano e ocupando novos espaços dentro dessa rede.



Nesse sentido, Henri Lefebvre (2001) faz uso da análise semiológica para dialogar sobre as formas de subjetividades e subjetivações possíveis numa cidade através do seu conjunto social. O autor destaca que existe uma semiologia urbana e da vida cotidiana que se traduz na forma de significar a cidade e o modo de ver e habitar este espaço. Quando a partir da construção de uma imagem, abre-se possibilidades de adentrar o espaço urbano, há um meio de reivindicar esta cidade através do simbólico, abre visibilidade a aquilo que está excluído, mas que reside ali, nas periferias urbanas. Segundo o autor, a cidade possui uma fala e linguagem própria que refere-se aos espaços, as praças, os vazios, aos encontros e aquilo que se expressa nas conversas, nos gestos, nas roupas e no emprego das palavras por seus habitantes. A cidade também possui, segundo Henri Lefebvre (2001), uma escrita própria que se inscreve e prescreve em seus muros à disposição dos lugares e no seu encadeamento, em suma o emprego do tempo na cidade pelos habitantes desse território.

Esse sistema de significações que contorna o urbano também é utilizado para, através da separação analítica segregar o ser humano, principalmente pela estratégia da globalização de um modo de vida ligado ao consumo (LEFEBVRE, 2001). Dar visibilidade a novas possibilidades de habitar, também incide sobre essa lógica capitalista, como forma de resistência ao que planifica as culturas e os modos de ser e viver. Eis que se torna-se necessário entender que o Direito à vida urbana passa também pelo simbólico, pelo desejo e olhar da classe trabalhadora afastada dos centros. A construção de novas imagens é o começo para reivindicar o direito à cidade, discutir sobre a cidade, os direitos e o habitar torna-se semente de uma organização social que busca uma revolução econômica, planejada para as necessidades sociais, controle democrático do aparelho estatal, e uma revolução cultural (LEFEBVRE, 1968). Isto nos recorda o trecho da música *Etnia*, de Chico Science e Nação Zumbi que faz um jogo de palavras, onde reflete a discussão sobre a imagem e a visibilidade da população periférica para que possamos nos questionar sobre a inserção do povo na arte e nos espaços culturais:



Imagem 3 - Encontro do projeto ocupar. Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

*É o povo na arte
É arte no povo
E não o povo na arte
De quem faz arte com o povo.*

Considerações Finais

“A gente quer saída para qualquer parte”
(ANTUNES; FROMER; BRITO, 1987)

Como observado no texto, garantir o Direito à cidade para população das ocupações passa pela construção simbólica e identitária. Criar possibilidades de reflexão e visualização de populações invisibilizadas é o primeiro passo para a construção de diferentes acessos à cidade. O desejo de ser visto é incorporado a um amplo processo de resistência que passa pela construção de novas formas de habitar os lugares.

Para isso ocorrer, se faz necessário deixar-se afetar, partilhar e construir laços com o outro, para construção de novas possibilidades de vivenciar imagens e ocupar espaços. Existe uma escolha presente na forma de olhar, questionar e evidenciar sujeitos. E a escrita, assim como a imagem pode ser afetiva, expressiva e artesanal, torna-se necessário romper com a lógica academicista, branca e elitista (RODRIGUES; SILVA, 2021). E para isso destaca-se novas possibilidades de experienciar e olhar o mundo através de representações construídas a partir das vivências do Projeto Ocupar: mulheres, terra e luta, onde as mulheres podem refletir e ocupar a semiótica da cidade através da construção de imagens, como forma de acessar os espaços que são privados e privativos da existência periférica.

Citando Julián Fuks (2019), encerramos este artigo reforçando o quanto o projeto Ocupar vem nos conduzindo para fora de nossos domínios, e como destacou o autor, não sabemos bem para onde vamos, o que temos certeza é de que é uma proposta coletiva de visibilização das mulheres que residem nas ocupações urbanas na busca pelo direito à vida, ao lazer, a arte e a cidade.

Referências

ANTUNES, Arnaldo; FROMER, Marcelo; BRITO, Sergio. (1987). *Comida*. Intérprete: Titãs. In: Titãs. Jesus não tem dentes no país dos banguelas Rio de Janeiro: WEA. 1 disco sonoro (LP). Lado A, faixa 2.

FOUCAULT, Michel. (1990). Qu'est-ce que la critique? *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, 84(2), pp. 35-63.

FOUCAULT, Michel. (2009). *Le courage de la vérité, Le gouvernement de soi et des autres II: cours au Collège de France, 1983- 1984*. Paris: Seuil/Gallimard.

KOHATSU, Lineu Norio. (2017). Notas sobre o uso de imagens visuais nas pesquisas em psicologia. *Revista de Psicologia*, 8(1), pp. 23-36.

LEFEBVRE, Henri. (2001). **O Direito à Cidade**. Nota de tradução: Rubens Eduardo Frias; São Paulo: Centauro.

MARICATO, Ermínia. *Metrópole na Periferia do Capitalismo: ilegalidade, desigualdade e violência*. Editora, Editora Hucitec, 1996 ; Original de, Universidade de Michigan ; Digitalizado, 6 nov. 2007 ; ISBN, 8527103516, 9788527103510. Acesso em: 16 de out. 2023

MIRANDA, Deivison Warlla; FÉLIX-SILVA, Antônio Vladimir. As Subjetividades Periféricas e os Impasses para a Descolonização da Clínica Psicológica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 42, p.1-12, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/c9dvXwsycCnM6ddCWNTCgTB/abstract/?lang=pt>> Acesso em: 29 mai. 2023

NEIVA, Eduardo. *Imagem, história e semiótica*. Anais do Museu Paulista: História E Cultura Material, 1(1), 11-29, São Paulo, 1993. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-47141993000100002>> Acesso em: 29 mai. 2023.

RODRIGUES, Luciana.; SILVA, Aline, Kelly. (2021). Por uma política de escrita do cotidiano: enfrentamentos ao racismo e sexismo na academia. In: ALVES, Míriam Cristiane; ALVES, Alcione Correa. *Redes Intelectuais: epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas*. Porto Alegre: Rede Unida.